

O FANTÁSTICO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM AUTORAS BRASILEIRAS E FRANCESAS

*Alessandra Dalva de Souza Pajolla**

Resumo:

Nos diferentes continentes, vozes femininas emergem no campo literário nestes tempos nomeados de pós-estruturalismo, pós-feminismo, pós-modernidade, pós-colonialismo. No cenário contemporâneo, em que tudo sugere um devir de movimentos sociais e literários que marcaram sobretudo a segunda metade do século passado, qual é o lugar da autoria feminina hoje? Estariam as escritoras permanentemente vinculadas à função política de desconstruir o discurso patriarcal? Seria possível representar na literatura identidades outras, desvinculadas da agenda feminista? O presente artigo focaliza obras publicadas recentemente, cuja tessitura é altamente imaginativa, provocativa e aberta para o fantástico. Trata-se de uma perspectiva contemporânea, que reflete a angústia de identidades fluidas, com personagens assombrados por fantasmas, miragens e metamorfoses. As autoras analisadas utilizariam elementos fantásticos como metáforas para a busca identitária empreendida pelas personagens. Há entre elas uma zona de contato, apesar de produzidas em diferentes contextos culturais, o Brasil e a França, a saber: narrativas permeadas pelo insólito e pelo estranho. São elas: Marie Darrieusecq - *O nascimento dos fantasmas* (1999), Marie Ndiaye - *Coração apertado* (2010), Karen Debertolis - *A estalagem das almas* (2006) e Marcia Tiburi - *Era meu esse rosto* (2012). A leitura dessas obras trouxe luz à hipótese da reinvenção do fantástico na literatura de autoria feminina, como forma de constituir um território livre de criação estética e de expressão da subjetividade, escapando ao risco de engessar a escrita com temáticas obrigatoriamente feministas. Fabulizar o mundo moderno surgiria como estratégia de expressão de conflitos identitários por meio de metamorfoses psíquicas e corporais, alternância entre miragem e realidade, desterritorialização e busca das próprias origens, empreendida tanto por uma genealogia real quanto imaginária.

Palavras-chave: autoria feminina, fantástico, literatura brasileira e francesa.

Um novo olhar para autoria feminina

Sem negar a importância do revisionismo crítico e do resgate como estratégia política e fonte para as pesquisas sobre autoria feminina, faz-se necessário empreender as análises também sobre o presente em construção. Problematizar a autoria e a representação no cenário contemporâneo, implica em analisar não apenas a subversão do patriarcalismo e do discurso essencialista sobre a mulher, mas descobrir outras abordagens na literatura escrita por mulheres.

A opção por não realçar as questões de gênero, por entender que esse viés já vem sendo amplamente problematizado no meio acadêmico, procura abrir um novo horizonte de pesquisa. Entendo que faz-se necessário interrogar se, de fato, seria

* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: alepajolla@hotmail.com ou alepajolla@uol.com.br

possível desvincular-se de agendas políticas, permitindo às autoras adentrar com liberdade no território estético-ficcional. Justifica-se a necessidade de estudar autoras que, ainda que tenham convicções pessoais assentadas nas premissas feministas, reivindicam autonomia para suas obras. Recusam, sob esse viés, a visão essencialista de “literatura feminina”, condicionada à função de desconstruir a imagem restritiva da mulher na sociedade patriarcal.

Partindo da necessidade de problematizar a autoria feminina no cenário contemporâneo, em que a opressão patriarcal não mobilize a produção literária com a mesma força que no século passado, busco um ângulo de análise que evite o risco de compreender a questão à luz de um fenômeno isolado ou influenciado por estruturas sociais particulares. Daí a opção por analisar autoras francesas e brasileiras, possibilitando investigar tanto as especificidades quanto o caráter universal dos discursos.

Há em curso um interesse mútuo e cada vez maior entre pesquisadores franceses e brasileiros pela literatura produzida nos dois países. Na década de 1970, a teórica franco argelina Hélène Cixous encontrou na obra de Clarice Lispector um campo fértil para sua tese de escritura feminina. Atualmente há instituições de cooperação científica, grupos de estudos literários, simpósios internacionais e cursos oferecidos em universidades brasileiras e francesas para estreitar o vínculo acadêmico entre os dois países.

Esse trabalho parte da premissa de que as autoras e obras selecionadas têm em comum, além do desvio estético e formal, uma espécie de zona de contato, manifestada por narrativas inventivas, presença do fantástico e miragens, personagens que sofrem metamorfoses físicas e corporais, cenários cambiantes e planos espacial e temporal que também sofrem mutações. Tais perspectivas se ancoram nas hipóteses de que a vertente fantástica seria a chave para as autoras transcederem o mundo das obrigações que caberia a um escritor do sexo "feminino", incluindo a crítica o modelo patriarcal.

As incertezas expressas no perfil psicológico, no corpo e na trajetória das personagens resultam do processo angustiante de (re) configuração de identidades, sendo o imaginário e a fantasia os terrenos onde seria possível expressar livremente a subjetividade. Neste contexto, corpo e alma não são entendidos no sentido cartesiano como entidades distintas e nem segundo a hierarquia do espírito sobre o físico; em

consequência disso o corpo é elemento chave de identidade, exibindo as marcas das alterações internas. Os conflitos representados surgem do descompasso entre a busca identitária por sujeitos descentrados face a tentativa de recuperar o prazer da plenitude e do pertencimento.

O recorte

Com 13 livros publicados, **Marie Darrieussecq** tornou-se uma revelação internacional com seu primeiro romance, *Porcarias* (1997), traduzido para mais de 40 países. No controverso romance a personagem central é transformada em porca, uma referência tanto kafkaniana quanto às fábulas de La Fontaine. Em *O nascimento dos fantasmas* (1999), o sofrimento ganha formas, alterando o corpo físico da personagem e os objetos a sua volta: “Só agora posso imaginar. Quando voltei a mim, quando as **moléculas de mim** retomaram forma (quem me olhava? de onde?). Esfreguei bem o rosto, remodelei-o”.

Marie Ndiaye ainda é pouco traduzida em outros países, mas tem seu trabalho aclamado na França. É autora de romances, livros infantis, peças de teatro, roteiro de cinema e ganhadora de prêmios literários importantes, incluindo o Goncourt em 2009. Em suas obras, temas como casamento, maternidade e solidão ganham uma abordagem moderna, que evita os habituais enfoques de gênero. Em *Coração Apertado* (2010), a narradora Nadia e seu marido Ange, ambos professores, sentem que de uma hora para outra são olhados com desprezo por todos ao redor. Eles desconhecem o motivo. O medo assombra o casal, mas tudo pode ser apenas uma percepção equivocada da realidade. A cidade se modifica, aparecem casas e prédios em lugares diferentes, o passado se confunde com o presente.

O corpo físico sofre mutações. Uma ferida aparece na barriga de Ange e vai degradando o corpo do personagem. Cada dia mais gorda, Nadia estaria grávida? Doente? Ou apenas sentindo no corpo os sintomas da vergonha e da culpa, que lhe incutem os olhares alheios? Impregnadas de perguntas do começo ao fim, a narrativa conduz o leitor para um mundo onde a única certeza é a dúvida.

Perspectiva semelhante pode ser encontrada na autoria feminina brasileira. Um exemplo é **Marcia Tiburi**, filósofa que adentrou no cenário literário atual com três

romances provocativos: *Magnólia* (2005), *A mulher de costas* (2006) e *O manto* (2008). Chamados de “trilogia íntima”, eles subvertem esse conceito, na medida em que as três obras pouco têm em comum. A não ser, de acordo com a pesquisadora Regina Ziberman, “o risco assumido de inovar” e “propor novos horizontes de leitura”.

No quarto livro, *Era meu esse rosto* (2012), a obra também é narrada em primeira pessoa, mas agora temos um personagem masculino, que sentencia logo no começo: “Depois de tantos anos estou no mesmo lugar”. Essa imobilidade corresponde ao lugar que o personagem ocupa na linha hereditária marcada pela bastardia, pelo desconhecimento das próprias origens, que origina uma fantasia identitária pontuada por fantasmas.

Ao longo da narrativa, por conta dos avanços e recuos no tempo, o leitor terá dificuldade em distinguir entre a história do avô, o pai, o tio doente e o bisavô, que habitam a memória do personagem principal como fantasmas produzidos pela imaginação. Há dois planos cronológicos, o da memória, aos olhos do menino que tudo vê, o presente, em que o personagem adulto parte em busca de suas origens, impregnado por sua memória alimentada pelas fantasias infantis.

O contraponto para esse plano atemporal em que cada vida não é mais do que um “vão na história”, segundo o mundo habitado por fantasmas e medos narrados pelo menino, é dado pelo personagem na fase adulta e sua incursão pelas origens, tentando compreender a própria identidade. Para ele, “a vida não passa de uma fita a entrelaçar o que chamamos de existência”. Ele tem medo da verdade, mas ainda assim, tenta desvendá-la: “é assim que vem falar quando é noite escura e tenho medo de quem eu mesmo sou”.

Outro exemplo é a paranaense **Karen Debertolis**, que surge no cenário literário com uma escrita inventiva, que rompe os limites entre prosa e poesia. Depois de publicar *Calidoscópio* (1995) e *Guardados* (2005), livros de poesia, ela lançou *A estalagem das almas* (2006). Com uma estrutura narrativa ousada, esta última obra reúne textos que dialogam com imagens que reforçam a atmosfera de miragem. Há 13 quartos na estalagem à beira de um deserto, na fronteira entre o nada, que simbolizam, cada um, diferentes estados da alma: o desejo, a dor, a loucura, o desespero, a redenção, a sanidade, a infância, a felicidade, a perda, o amor, a aspereza, a passagem e a fome.

Por meio das vozes dos 13 hóspedes, o leitor mergulha na torrente de medos, angústias e miragens, nesse lugar desértico habitado por memórias ancestrais, em uma tessitura que também se utiliza do fantástico e do jogo ficcional entre delírio e realidade: “rondam por aqui fantasmas dos viajantes insanos que se embrenharam nas terras distantes, logo ali em frente, em busca de miragens”.

Identities fragmentadas

Entendendo a literatura como parte da sociedade e da cultura, sendo portanto um fenômeno diretamente ligado à vida social, conforme as ideias de Antonio Candido (1985), a sociologia é peça chave para a compreensão dos fenômenos literários. Para analisar os conflitos identitários presentes nas obras de autoras contemporâneas, como é objeto desse estudo, faz-se compreender o conceito de “sociedade líquido-moderna” proposto pelo sociólogo Zygmunt Baumann (2005).

O século XXI é marcado por mudanças mais rápidas do que o tempo necessário para os indivíduos consolidarem hábitos, rotinas e novas formas de agir. Nas obras literárias, o principal reflexo desse fenômeno é o surgimento de mecanismos de afirmação identitária ambivalentes e contínuos.

Diz o teórico que, em um mundo de diversidade e policultural, é preciso comparar, fazer escolhas, reconsiderar escolhas feitas em outras ocasiões, conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis. De acordo com essa perspectiva, o pertencimento e a identidade não são garantias para toda a vida. Ao contrário, fazem parte de uma tarefa ser realizada muitas vezes e não “de uma só tacada” (2005, p. 16).

A contemporaneidade impõe aos estudos literários a discussão em torno desse sujeito fragmentado, das múltiplas identidades, dos deslocamentos e sobre a desconstrução de paradigmas. Esta atmosfera de incertezas requer redimensionamentos e a tentativa de compreender o mundo real e o ficcional.

O recorte aqui proposto não levará em conta o chamado “sujeito sociológico”, formado a partir da interação entre o “eu” e a “sociedade”. Partimos do sujeito pós-moderno apontado por Stuart Hall (2006), um sujeito sem uma identidade fixa, essencial e permanente. Um sujeito que assume identidades diferentes em diferentes momentos, sendo que elas não são unificadas em torno de um “eu coerente”.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos no identificar - ao menos temporariamente” (2006, p. 13).

É nesse ponto de indagação sobre as relações entre a literatura e o sujeito fragmentado, que torna-se fundamental uma abordagem psicanalítica com interseção entre as teorias feministas sobre autoria feminina. Por isso, em vez de usar o termo identidade como algo acabado talvez seja mais interessante falar em identificação, ou seja, um processo em andamento.

Tomando como base o ponto de vista psicanalítico com as ideias de Sigmund Freud (1939) e Jacques Lacan (1981) é possível observar nos personagens um espelho dessa realidade fugidia, em que há sempre uma falta, uma negatividade. Essa lacuna, falsamente preenchida pelo olhar do outro foi posta na berlinda pelas teóricas feministas ao desnudarem o discurso patriarcal.

Para Ria Lemaire (1994) a autoria feminina pode ser analisada por meio de um paralelo entre a psicanálise e a crítica feminista: a primeira ajuda a descobrir como o (a) autor (a) expressa conflitos inconscientes, temores e desejos não admitidos abertamente e, a segunda, procura demonstrar porque o que encontramos nas obras não são verdades essenciais.

Nesse ponto específico, cumpre investigarmos a formação deste “eu” no olhar do Outro, com teoriza Lacan, essa aprendizagem condicionada pelos sistemas simbólicos e culturais em que o indivíduo está inserido desde a infância. O feminismo francês foi altamente influenciado pelas teorias do psicanalista, especialmente interessada no Estágio do Espelho, que caracteriza a transição do Imaginário (não-diferenciação entre o sujeito e mundo externo) para o Simbólico (perda da identidade imaginária, aquisição da linguagem).

Estudiosa de teorias psicanalísticas, a teórica Julia Kriteva (2007) acredita na linguagem como determinante para a subjetividade. No caso específico da autoria feminina, a mulher falaria a partir do Simbólico, mas de forma subsersiva, através da negatividade, rupturas, ausências e rompimentos no texto. O sujeito nas produções literárias não seria nem masculino nem feminino, escapando a essas categorizações.

Nas obras aqui arroladas há vários indícios da crise identitária que leva os personagens, em alguns momentos, ao limiar da loucura, a percepção alterada da realidade, a dificuldade de reconhecer a si próprio e também o ambiente em que vivem. Em *Era meu esse rosto* (2012), a narrativa alterna passado e presente não apenas do personagem narrador, mas de seu pai, avô e parentes, como se todas essas passagens pertencessem a uma única história. Daí a dificuldade em que o personagem tem para reconhecer a si próprio.

Nadia, a personagem de *Coração Apertado* (2010) acredita que a geografia dos lugares se modifica quando elas está sozinha. “É muito lógico, não? Se são sinais dirigidos a mim. Mas não consigo decifrá-los” (p. 134). Ela é uma mulher descolacada no espaço, incapaz de compreender as mudanças ao redor, buscando desesperadamente as referências que parecem sumir como num passe de mágica. Seriam reflexos da transitoriedade da sociedade líquido-moderna?

Há nessas obras uma angústica latente, um descompasso entre o mundo interior e o exterior. E, também, um deslocamento. Este pode ser o sinal de que não apenas o sujeito é descentrado, mas também o sistema simbólico é movediço, abalando a crença em estrutura monolítica. A dificuldade dos personagens em reconhecerem a si próprios tem como consequência o descompasso entre a autorreferência e o olhar do outro.

Tais crises identitárias se inscrevem no corpo físico dos personagens, por meio de mutações que aludem ao fantástico e a temática metamórfica. Não se encontra nessas separação hierarquizada entre mente e corpo que está no centro do pensamento ocidental. Em tais autoras, o corpo reflete o estado psíquico interior, e sofrimento, estranhamento e ameaça permanente da razão evapora-se, tomando o corpo uma forma difusa, fantasmagórica.

Entre os estudos acerca do fantástico na literatura, Tzvetan Todorov (2003) ratifica essa temática como um lugar da incerteza nas obras, uma percepção particular de acontecimentos estranhos. Há uma ruptura do limite entre sujeito e objeto, e a transformação do tempo e espaço. Diz ele que o elemento sobrenatural é o material narrativo que melhor cumpre a função de modificar a situação precedente e romper o equilíbrio estabelecido (p. 86).

Na reinvenção do fantástico na autoria feminina aqui proposta, o fantástico não se dá por meio de aparições aterrorizantes, mas através do estranhamento. Novamente podemos recorrer à psicanálise para compreender essa temática, especificamente às ideias de Sigmund Freud, em que o sentimento de estranheza é provocado quando algo familiar adquire facetas desconhecidas.

Conclusão

As obras aqui propostas para investigação refletem a apatia moral e a insegurança que afligem o sujeito hoje. São fábulas da sociedade líquido-moderna, com suas transformações velozes e seus personagens deslocados, representadas a partir da transposição fantástica do cotidiano. Dessa forma, as autoras conseguem transcender as questões que o senso comum entende como “femininas”, ainda que seja a função crítica de descostruir o discurso patriarcal.

Com isso, elas seriam lidas não como parte de uma categoria e sim, como escritores que empreendem suas obras a partir de questões particulares e também universais. Por este ângulo, a escritura feminina seria ela própria um produto cultural, que começa a ser desarticulado por autoras que propõe a desvinculação de uma práxis socialmente condicionada, em favor de uma liberdade estética.

As autoras introduzem uma forma de reinvenção do fantástico na literatura a partir das contradições que emergem no cenário contemporâneo: nesses tempos pós-modernos, em que as coisas se movem e se transformam rapidamente, poucos acreditam em transformações mágicas, mas ainda assim desejam escapar dos limites da vida diária.

Esse universo em que elementos estranhos coexistem com os efeitos de real, abre aos personagens a possibilidade de negar as marcas culturais que os distinguem (o que pode ser comprovado por meio das escolhas de obras escritas em dois países diferentes), escapando aos gêneros rígidos e funções fixas (posição da mulher, por exemplo)

A temática metamórfica, com transformações físicas e psíquicas, são resultado do processo interior da busca identitária empreendida pelos personagens. A utilização do fantástico pode ser um forte indício de que estas autoras pretendem reduzir o efeito de real e escapar à censura, seja interna ou social (corresponder ao que se espera de

uma mulher escritora). Ao mesmo tempo que cria um efeito de desfamiliarização da realidade, a literatura altamente imaginativa consegue retratar as tensões do mundo moderno.

Ao romperem com o compromisso de criticar a posição da mulher na sociedade, elas redefinem a escrita como uma expressão de originalidade e desvio estético. Mais universais, as temáticas desvinculam-se de aspectos culturais particulares, como demonstram as obras escolhidas em dois países distintos, o Brasil e a França. O fantástico reinterpretado pelas autoras não como fonte de terror e, sim, de estranhamento e desequilíbrio, fornece um porta de acesso pra desvendar profundas verdades humanas, desejos de individuação e de busca identitária.

Referências bibliográficas

- BADINTER, Elisabeth (2005). *Rumo equivocado – o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BAUMANN, Zygmunt (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia, Osana (ORGs) (2005). *Teoria Literária – Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem.
- BONNICI, Thomas (2007). *Teoria crítica literária feminista – conceitos e tendências*. Maringá: Eduem.
- BUTLER, Judith (2003). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CANDIDO, Antonio (1985). *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- COMPAGNON, Antoine (2006). *O demônio da teoria – literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- DARRIEUSSECQ, Marie (1999). *O nascimento dos fantasmas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DEBERTÓLIS, Karen; MAGALHAES, Fernanda (2006). *A estalagem das almas*. Curitiba: Travessa dos Editores.
- ESTEVES, Antonio. FIGUEIREDO, Eurídice (2005). Realismo mágico e realismo maravilhoso. In: *Conceitos de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUFF, p. 393-394.
- FREUD, Sigmund (1980). O estranho. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- HALL, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- KRISTEVA, Julia (2007). *História da Linguagem*. Trad Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70.
- LEMAIRE, Ria (1994). Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 111 – 125.
- MOISÉS, Massaud (1974). *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix.

- NDIAYE, Marie (2010). *Coração apertado*. São Paulo: Cosac e Naify.
- SOUZA, Adalberto de Oliveira (Org) (2011). *Passagens da Jornada – momentos importantes das Jornadas de Estudos Franceses em Maringá*. São Paulo: Arte e Ciência.
- TIBURI, Marcia (2012). *Era meu esse rosto*. Rio de Janeiro: Record.
- TODOROV, Tzvetan (2003). Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva.